

31.01.87

φ8

## Técnicos debatem excesso de mercúrio nos garimpos do PA

A catalização do ouro pelo uso do mercúrio, substância conhecida nas zonas garimpeiras como "azougue", tem gerado uma série de denúncias sobre as conseqüências da utilização exagerada desse produto químico, tanto entre seres humanos como no meio ambiente. Embora não se tenha dados estatísticos e científicos disponíveis, em Santarém, por exemplo, é grande o número de pessoas oriundas dos garimpos que procuram os hospitais e clínicas com doenças "estranhas". Ao lado disso, com alguma frequência surgem informações sobre a morte ou ameaça de desaparecimento de igarapés e pequenos rios, por causas "desconhecidas". Pescadores e antigos moradores ribeirinhos do Tapajós já notaram que as águas azuis daquele rio, nos trechos próximos aos garimpos, estão ficando turvas como as do Amazonas.

A par dessas denúncias, o poder público, através de órgãos ligados à questão do meio-ambiente, dá o primeiro passo na tentativa de detectar os verdadeiros níveis de mercúrio existentes nos rios e igarapés paraenses. Reunidos no auditório do Idesp, técnicos de diversos órgãos discutiram ontem o Projeto Mercúrio, cujo objetivo é estudar e determinar os níveis de contaminação pela substância, nas principais áreas de garimpo no Estado.

De acordo com o geólogo Alberto Rogério da Silva, coordenador do Setor Ambiental do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), os garimpeiros instalados no Pará utilizam quatro gramas de mercúrio para um grama de ouro, no processo de catalização. Esses números, diz Alberto, indicam um "certo excedente" do produto e exigem atenção para o problema. Com o Projeto Mercúrio, serão desenvolvidas atividades de monitoramento dos níveis do mercúrio nos rios paraenses, através da coleta sistemática de amostras de água, sedimentos e peixes dos rios, bem como de sangue, urina, unhas e cabelos das pessoas envolvidas em atividades garimpeiras. As áreas do Tapajós, Cumaru, Serra Pelada e Gurupi, numa primeira fase, serão as atingidas pela coleta de material.

Participam do Projeto Mercúrio o DNPM, Sesp, Seicom, Museu Emílio Goeldi, Idesp, Fundação Sesp e Docegeo. Para o geólogo, o importante do projeto é que se conhecerá a real extensão dos problemas verificados no meio ambiente em função desse uso indiscriminado. Isso, consequentemente, permitirá a realização de um trabalho de recuperação ambiental.

### A ocupação da Amazônia

Região cuja importância econômica foi plenamente reconhecida no início da década de 70, resultando daí um processo de ocupação e de instalação de projetos para exploração de seus recursos naturais, a Amazônia é, acima de tudo, uma área com tradição na extração de ouro.

Desde o início do século XVII que o chamado metal precioso mobiliza centenas de



Foto: Antonio Silva

### Rogério: excesso de mercúrio

milhares de homens para a região, em busca de fortuna, movimento iniciado antes mesmo de Pedro Teixeira chegar aqui. As microrregiões de Gurupi e Tapajós são exemplos marcantes dessa tradição na garimpagem, mas somente em 1958 a microrregião do Tapajós começou a receber os "formigueiros humanos", com a descoberta de alguns veios de ouro no leito de rios e igarapés e entranhados nos barrancos. Mais tarde, com a procura sistemática do metal, descobriu-se que o Tapajós é um dos maiores tabuleiros auríferos do mundo.

### Mercúrio

O ouro tem dado fortuna a muitos, mas a grande maioria tem destinado miséria e desolação, pois é extraído em lugares quase inóspitos e à mercê de uma política de mineração que apenas de forma incipiente contempla aspectos ambientais. A catalização com mercúrio nos garimpos da Amazônia é quase tão velha quanto à própria mineração na região, apesar do alto teor tóxico da substância, que pode causar inúmeros problemas para o organismo, tanto em homens como em animais.

Estes problemas manifestam-se pelo retardamento dos órgãos motores, lacrimejamento, entumescimento das gengivas, erupções na pele e até pela concepção de filhos ou filhotes defeituosos. O mercúrio pode atingir o organismo através da inalação dos gases liberados durante a fundição do ouro, bem como em reação com certas algas que servem de alimento para os peixes. Neste último caso, os gases são posteriormente transmitidos ao homem, que pode ainda retransmiti-los a seus filhos. Isso se dá, por exemplo, quando o peixe envenenado é consumido, sendo que a contaminação humana se dá a partir da transformação do mercúrio em dimetil mercúrio, o que ocorre por ocasião da lavagem do ouro.